

Um ensaio de Merleau-Ponty a “função do filósofo” e a filosofia como expressão

A Merleau-Ponty's essay on 'the function of the philosopher' and philosophy as expression

MÁRCIA SAIEVICZ¹

Resumo: O *Elogio da Filosofia* de Merleau-Ponty, por seu teor e seu estilo, pôde ser considerado “uma sùmula da sua obra”. O texto constitui uma exposição inquietante acerca da situação da filosofia e do homem que na sua vida funcional exerce a atividade de filósofo. É a natureza ambígua da Filosofia e as suas relações com a verdade (“objetiva” e “intersubjetiva”) que servem à trama do exame da “função do filósofo” nesse excepcional ensaio de Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Elogio. Filosofia. Merleau-Ponty. Verdade.

Abstract: Merleau-Ponty's *Praise of Philosophy*, for its content and style, could be considered 'a summary of his work.' The text provides a disquieting exposition about the situation of philosophy and the man who in his functional life exercises the activity of a philosopher. It is the ambiguous nature of Philosophy and its relations with truth ('objective' and 'intersubjective') that serve as the framework for the examination of 'the function of the philosopher' in this exceptional essay by Merleau-Ponty.

Keywords: Praise. Philosophy. Merleau-Ponty. Truth.

“O filósofo é o homem que desperta e fala, e o homem contém em silêncio os paradoxos da filosofia, porque, para ser plenamente homem, é preciso ser um pouco mais e um pouco menos do que homem.”

(Merleau-Ponty)

No *Elogio da Filosofia* Merleau-Ponty conta que quando pediram a Bergson que “*publicasse finalmente a sua moral*” ele escreveu em resposta: “*Ninguém é obrigado a escrever um livro*”. A boa ironia de Merleau-Ponty justifica:

Não se pode esperar que um filósofo vá para além do que vê, nem que nos dê preceitos de que não esteja seguro. A impaciência das almas não é argumento: não é pelo ‘pouco mais ou menos’ ou pela impostura que se pode servi-las (Merleau-Ponty, s/d: 42).

¹ Ex-aluna bolsista do Programa PET de Filosofia da UNIOESTE -Campus Toledo. Especialização em Educação Estética, Semiótica e Cultura pela UFBA – FACED/ BA. Atualmente Professora na UNEB/BA e na Faculdade 2 de Julho, Salvador/BA.

O filósofo moderno é *“freqüentemente um funcionário, sempre um escritor”*. Ou seja, ocupante de um cargo remunerado e permanentemente requisitado à publicação. Professor e escritor são os aspectos que se destacam no exercício da função de filósofo no mundo atual. A função do filósofo e a situação contemporânea da filosofia são o tema do ensaio de Merleau-Ponty.

A escolha desse texto como assunto da preleção no mini-curso se deveu fundamentalmente a expectativa do público a que se ia falar. Lemos em Diógenes Laértios que Platão supunha que o bom sucesso da oratória está condicionado a quatro elementos: *“dizer o que deve ser dito, falar durante o tempo necessário, adequar a fala à audiência, e falar no momento oportuno”*. A arte de falar ao público e arte de escrever nem sempre estiveram justapostas.

Um texto é o texto falado. Outro é o texto escrito. Este que agora se apresenta envolve aquele, engloba, engole, mastiga e modifica. O presente texto estende o que noutro estava velado. Inclui os ditos que não estavam escritos, que foram pronunciados ou permaneceram silenciados. Agora, entretanto, afloram².

O que é a Filosofia de nosso tempo? No mundo atual, qual é a tarefa do filósofo? Qual a função dos graduados e pós-graduados em cursos de Filosofia e que ostentam, portanto, o título de “filósofo”? Qual a distância entre o homem comum, um “filósofo profissional” e um filósofo?

Essa é a curiosidade que me moveu a eleger o ensaio de Merleau-Ponty como pretexto para exposição e discussão acerca de como concebemos e vivemos a Filosofia. Não uma curiosidade feminina, mas a preocupação de quem tem exercido na vida funcional a atividade filosófica.

Entre os bons escritores e bons oradores do século XX encontramos Merleau-Ponty, esse homem que falava e escrevia nas escolas mais importantes da França, na Sorbonne e no Colégio. Conta-se que, além de ser um escritor freqüente, era um orador excepcional. Um exemplo da sua qualidade de escritor e orador foi a aula inaugural que pronunciou no Colégio, publicada com o título Elogio da Filosofia. Encheram-se os corredores do Colégio, e caixas de som tiveram que ser espalhadas: o professor MerleauPonty estava assumindo a Cátedra de Filosofia.

² A versão original foi produzida para o Mini-Curso no Simpósio de Filosofia da UNIOESTE - Toledo. Esta que se apresenta inclui correções e outros acréscimos.

A lição inaugural no Colégio da França foi um bom ensaio, deveras. Eleito para o cargo, Merleau-Ponty ousadamente se propõe a fazer diante de seus ouvintes o exame da função do filósofo.

No exórdio do texto aparecem três aspectos importantes da sua condição: homem simplesmente, que “*testemunha sua própria desordem interior*”, reconhece os limites do seu saber (“*sabe que nada sabe*”) e exerce com felicidade a sua função. Merleau-Ponty cita Stendhal que diz ser uma felicidade “*ter por profissão a sua paixão*”.

A quem possa objetar que o filósofo nem sempre é feliz, esclarecemos que a felicidade de que se trata no caso da atividade filosófica diz respeito à sua qualidade de ser um fim em si – esta é uma definição clássica de felicidade, pertinente a própria Filosofia. Ainda que o *fim em si* não isente o homem da melancolia.

O ensaio de Merleau-Ponty ocupa um lugar peculiar na obra do autor. A publicação portuguesa apresenta o texto, pelo teor e pelo estilo, como “uma súpula” do seu pensamento. O *Elogio da Filosofia* que o filósofo apresenta aos membros do Colégio da França, tecendo considerações críticas, de censura e de louvor, é um elogio “*ao espírito de investigação livre*”, segundo ele, característica daquela instituição e do seu próprio esforço pessoal. Fazer ressoar esse espírito livre nos parece necessário e urgente.

Ao nosso ver no texto de Merleau-Ponty a Filosofia “*exalta seu próprio mérito e canta ela própria os seus louvores*”, sem esquecer de denunciar as “difamações” e “opiniões mentirosas” que ordinariamente sobre ela se declaram. O *Elogio* é um exercício próprio e apropriado de “reflexão” da Filosofia.

Outrora e alhures se apontava a *auto reflexividade* como uma das características da atividade filosófica. O que significa dizer que a Filosofia é ela mesma responsável por fazer sua própria crítica. A quem se opusesse a essa sua propriedade e seu dever, a Filosofia que se apresenta no *Elogio* de Merleau-Ponty poderia questionar como a Loucura de Erasmo, e exigir a mesma atenção:

Quem poderia melhor do que eu pintar-me tal como sou? A menos que haja alguém que pretenda conhecer-me melhor do que me conheço eu mesmo. Escutai-me como tendes o costume de escutar os bufões, os pantomimeiros, os saltibancos, os charlatões das praças públicas... Pois tenho vontade de bancar um pouco o sofista

convosco.

Citamos aqui Erasmo não só pela pertinência do dizer, mas porque no seu *Elogio da Loucura* o autor lembra que os sofistas antigos adotaram esse nome, “*para evitar o nome de sábios, muito desacreditado em seu tempo*”, e eram eles que se dedicaram “*a celebrar, por elogios, os deuses e os heróis*”. É sob a designação de “elogio” que Merleau-Ponty apresenta o seu exame da função do filósofo.

Sofistas e filósofos disputaram na antiguidade um lugar na praça. Surgiram em Atenas na mesma época. Distingui-los já era um problema para os gregos clássicos. Ambos carregavam no nome uma relação com os sábios. Filósofos e sofistas exerciam, porém, “funções” distintas. O sofista era quase sempre um estrangeiro, alheio aos problemas da Cidade.

Ao retomar a questão do ofício ou atividade do filósofo retoma-se um problema antigo e atual. Sofistas e filósofos estão novamente lado a lado (ainda que todos sejam estrangeiros – de outra parte e de lugar nenhum). É interessante que Merleau-Ponty, na condição de filósofo, apresente seu discurso na forma de elogio.

Conforme a classificação dos discursos de Platão, o elogio, do mesmo modo que a censura e a acusação, pertencem à retórica – isto é, a espécie de discursos usados “*pelos reitores em composições escritas para uma exibição*”³. O discurso de Merleau-Ponty, ao mesmo tempo é um elogio e uma diatribe acerca da moderna situação da Filosofia e do filósofo. Temos no *Elogio* um retrato da Filosofia como Merleau-Ponty a concebe e como a encontramos na atualidade – isto é, no âmbito da nossa vida prática, pessoal e funcional.

Gostaríamos aqui de não somente falar da filosofia como a temos vivido. A isso nos inspira a sombra do “filósofo que fala” junto ao “filósofo que escreve”. No *Elogio* encontramos essa sombra: Merleau-Ponty fala diretamente a seus ouvintes. Abre o discurso de maneira formal: “*senhor administrador, caros colegas, minhas senhoras e meus senhores*”; e fala abertamente.

³ Quem informa sobre essa classificação é Diógenes de Laértios. As outras espécies são a eloquência política, o discurso ordinário, a linguagem técnica e a dialética.

Encontramos a imagem de Merleau-Ponty professor, exercendo o seu papel funcional. Não o pensador que escreve para um público indistinto, mas que fala pessoalmente aos que o elegeram para a Cátedra de Filosofia.

Seria bom que o filósofo quando viesse a público pudesse sempre “*falar como um cita*”: livre e francamente. A escola e a academia, entretantes, exige sempre um modo menos diletante e mais profissional de tratar qualquer assunto. Todos os assuntos se revestem de oca “seriedade” e os ecos e as palavras se confundem. Vive-se Babel.

Reconhece-se que no universo acadêmico “*estão enfraquecidas as opções da vida e veladas as oportunidades do pensamento*” – uma expressão do *Elogio*; ainda assim, pagamos tributos aos falsos deuses. Inevitável estar junto ao outro. “*Ce grand malheur, de ne pouvoir être seul*” (La Bruyère).

Ao comentar o problema da verdade em Bergson, Merleau-Ponty afirma que mesmo esse autor, pela sua escolha, “*provou que para si, não havia um lugar*” onde “*a verdade deva ser procurada a todo custo, violando até as relações humanas e os laços da vida e da história*”. E acrescenta:

A nossa relação com a verdade passa pelos outros. Ou procuramos a verdade com eles, ou não a descobriremos. Mas o cúmulo da dificuldade está em que, se a verdade não é um ídolo, os outros, por sua vez, não são deuses. Sem eles não há verdade, mas para a atingir não basta estar com eles (Merleau-Ponty, s/d: 42).

Merleau-Ponty enuncia assim o que depois chama “*os três pontos cardiais*” da via filosófica: no coração da filosofia o eu, o outro e a verdade instauram-se como enigma. O mesmo enigma da expressão. A expressão e a filosofia vivem o mesmo postulado, qual seja, “*a possibilidade simultânea*” de três condições: “*alguém que se exprima, uma verdade que se exprime e os outros perante quem é expressa*” (Merleau-Ponty, s/d: 40). Na filosofia como na expressão, “*a vontade de falar forma uma unidade com a vontade de ser compreendido*” (Merleau-Ponty, s/ d: 70). Escreve Merleau-Ponty:

O enigma da filosofia (e da expressão) está em que, por vezes, para si, para os outros e para a verdade, o caminho é o mesmo. São estes momentos que a justificam. É unicamente com eles que o filósofo conta (Merleau-Ponty, s/d: 43).

É a natureza ambígua da Filosofia e as suas relações com a verdade (“objetiva” e “intersubjetiva”) que servem à trama do exame de Merleau-Ponty da “função do filósofo”, que a evoca em três tempos: tal como a retomaram e exerceram seus predecessores, Lavelle, Le Roy e Bergson⁴; tal como se revela ao considerar a vida e a morte de Sócrates; e tal qual o presente a revela.

Merleau-Ponty faz contrastar a situação atual da Filosofia com a filosofia antiga, na qual destaca a figura de Sócrates: “*um homem que não escrevia, que não ensinava, pelo menos nas cátedras do Estado*”. Mesmo sendo tão distinto dos filósofos modernos e atuais é de Sócrates que “*precisamos lembrar-nos*” para reencontrar a função integral do filósofo. A missão da qual Sócrates se ocupou em vida foi interrogar os homens, submetê-los ao exame das opiniões. Em nosso tempo, observa Merleau-Ponty, “*a filosofia livresca deixou de interrogar os homens*”.

A relação do filósofo com a verdade e com os outros é o tema que se sobressai na exposição do *Elogio* acerca da exemplaridade de Sócrates: reconhecido como mestre, mesmo pelos filósofos-autores⁵ (que somos ou que lemos) e reconhecido em seu tempo como o mais sábio dos gregos.

Sócrates não é escritor. Não se tem nenhum escrito de sua autoria. Parece também não ter sido um assíduo leitor. Conhecia Homero, os mitos dos poetas antigos e as fábulas de Esopo por tê-las ouvido na infância. No século de Péricles, quando vive Sócrates, as mães e as amas ensinavam-nas as crianças, que as aprendiam décor.

Sócrates não realiza sua filosofia como “atividade funcional”. O próprio Sócrates diz: “*Eu nunca fui mestre de ninguém, conquanto nunca me opusesse ao moço ou velho que me quisesse ouvir no desempenho de minha tarefa*”. Na Cidade de Atenas, como em outras cidades gregas, são os sofistas que ensinam e escrevem sob solicitação. Sócrates é um filósofo que fala, “um tagarela”.

Nas suas conversas, recorrendo ao artifício da dialética, discute as opiniões a procura da contestação ou confirmação do oráculo que disse não haver ninguém

⁴ Não estamos habilitados a expor o debate das opiniões de Lavelle, Le Roy e Bergson. Os dois primeiros são autores que pouco (ou nunca) freqüentam os simpósios e as livrarias que freqüentamos.

⁵ A única objeção séria ao ídolo Sócrates é feita por Nietzsche, que ainda assim, o admirava.

mais sábio que ele. “*Que quererá dizer o deus? que sentido oculto pôs na resposta? (...) que quererá ele, então significar declarando-me o mais sábio?*” – Essa é a dúvida que impele Sócrates na sua investigação e que justifica a afirmação de que esteve sempre “*ao serviço do deus*”.

Tanto as calúnias como a reputação de sábio procedem da mesma ocupação: “*o exame dos homens*”. Sócrates conversa com os políticos, poetas e artífices. Qualquer um que tivesse “*na conta de sábio*”. Fez dessa investigação sua exclusiva ocupação, o que não lhe “*permitiu lazeres para qualquer atividade digna de menção nos negócios públicos nem nos particulares*”. Concordamos com o parecer de Merleau-Ponty:

a vida e a morte de Sócrates são a história das difíceis relações que o filósofo, que não é protegido pela imunidade literária, mantém com os deuses da cidade, isto é, com os outros homens e com o absoluto imobilizado cuja imagem lhe apresentam (Elogio: p. 46).

Merleau-Ponty destaca dois aspectos da difícil relação de Sócrates com a Cidade: o religioso e o histórico. Rememora a postura de Sócrates diante da religião helênica e diante das leis da cidade. Destacamos aqui algumas das considerações acerca da filosofia de Sócrates apresentada no *Elogio* de Merleau-Ponty e facilmente averiguadas na *Apologia* de Platão e nos *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates* de Xenofonte.

Ainda que tenham pesado contra ele as acusações de impiedade e corrupção da mocidade, nos seus ensinamentos Sócrates não repudia a religião. “*Ensina que a religião é verdade e há até quem o tenha visto oferecer sacrifícios aos deuses*”. Sócrates não procura novos deuses e nem despreza os do Estado, “*limitava-se a dar-lhes sentido, a interpretá-los*”. Tampouco incentiva a desobediência civil. “*Ensina que se deve obedecer à Cidade, e é o primeiro a obedecer-lhe incondicionalmente*”, porém, mostra que “*podemos obedecer às leis desejando que elas mudem*”. Aceitando a sentença do tribunal não lhe reconhece a autoridade, mas melhor a recusa.

Se fugisse, torna-se-ia inimigo de Atenas, tornando verdadeira a sentença. Ficando, ganha, quer o absolvam, quer o condenem, quer prove a sua filosofia conseguindo que os juízes a aceitam, quer a prove ainda aceitando a sentença (Merleau-Ponty, s/d: 48).

As censuras contra Sócrates não recaem tanto no que ele faz, mas no modo como o faz. A ofensa imperdoável que infringe aos seus contemporâneos é “*os fazer*

duvidar de si próprios". Merleau-Ponty lembra: como os que o acusam Sócrates acredita, porém, *"mais do que eles, e também de outro modo e num outro sentido"*. Sabemos o quão supersticiosos eram os gregos, e quão nova era a "razão" naquele tempo. Sócrates solicita que à obediência das leis e à piedade se apresentem motivos. E ele lhes indica as razões:

A religião que ele diz ser verdadeira é aquela em que os deuses não se degladiam, em que os presságios se conservam ambíguos (...) o divino, como o demônio de Sócrates, unicamente se revela por uma admoestação silenciosa, lembrando ao homem a sua ignorância (Merleau-Ponty, s/d: 47).

Sócrates justifica a religião apresentando como ele a pensa. *"Do mesmo modo, quando justifica a Cidade, é pelas suas razões e não pelas do Estado"*. As leis devem ser obedecidas não porque sejam quais forem são boas, mas porque é necessário que existam para que se possa alterá-las. A autoridade das leis lhes é conferida pela necessidade da ordem. Na sua conduta, entretantes, Sócrates mostra um modo de obedecer que é uma forma de resistir.

Sócrates está em permanente defesa da Cidade e embate com ela. Não descuida dos eventos da vida diária; está presente na assembléia popular e no tribunal. Sua filosofia o mantém junto aos atenienses. Só não pode lhes dar *"a concordância sem considerações"*. Sua filosofia *"está na sua relação viva com Atenas, na sua ausente presença, na sua obediência desrespeitosa"*. Sócrates não faz da filosofia *"um ídolo de que ele seja o guarda que deve pô-la a salvo"*, ou que o deva colocar a salvo.

Merleau-Ponty aponta, assim, uma das peculiaridades que distancia o filósofo de outrora do filósofo de agora. Em nosso tempo se reconhece que *"o mundo tal como está é inaceitável"*. A crise foi o tema dileto de muitos escritores do século XX. Nunca se percebeu e se falou tanto em "crise" como no século passado. Porém, no dizer de Merleau-Ponty, *"gostamos que isso se escreva, para honra da humanidade, e para o podermos esquecer depois, quando regressamos aos nossos afazeres"*.

Podemos dizer que a situação da filosofia é a mesma situação da ciência descrita por Merleau-Ponty no texto o olho e o espírito: manipula o mundo, mas recusa-se a habitá-lo. A crise se instaura na própria filosofia e ameaça a própria

possibilidade do seu fazer. Pela contundência, vale a pena citar a diatribe de Merleau-Ponty sobre a situação em que se encontra a filosofia no presente (em 1952 e também nos nossos dias):

Há razão para temer que também o nosso tempo rejeite o filósofo em si próprio e que mais uma vez, a filosofia seja apenas nuvens. pois, filosofar é procurar, é afirmar que há algo a ver e a dizer. ora, hoje, quase não se procura! ‘regressa-se’, ‘defende-se’ uma ou outra tradição. as nossas convicções fundam-se menos sobre valores ou verdades descobertas do que sobre os vícios e os erros das que detestamos. gostamos de poucas coisas, mas detestamos muitas. o nosso pensamento é um pensamento aposentado ou enrugado. todos expiam a sua juventude. esta decadência está de acordo com o processo da nossa história. passado um certo ponto de tensão, as idéias deixam de proliferar e de viver, caem no plano das justificações e dos pretextos, tornam-se relíquias, pontos de honra, e aquilo a que pomposamente chamamos o movimento das idéias reduz-se ao conjunto das nossas nostalgias, dos nossos rancores, dos nossos acanhamentos, das nossas fobias. neste mundo em que a negação e as paixões mal-humorada ocupam o lugar de certezas, não se procura fundamentalmente ver, e a filosofia, porque pretende ver, é tida como impiedade (Merleau-Ponty, s/d: 56).

Diante do colégio, então, Merleau-Ponty passa a discorrer sobre o fulcro das discussões que estavam em voga em seu tempo: deus e a história. A exposição apresentada por Merleau-Ponty acerca dos “dois absolutos rivais” é de grande interesse para uma visualização dos discursos em voga no colégio em meados do século XX, e de interesse para pensarmos como tais temas têm se desdobrado em nosso tempo. De modo sucinto, Merleau-Ponty debate as teses de Pe. Lubac e Maritain e suas posturas anti-ateístas e apresenta os seus próprios pontos de vista acerca do ateísmo contemporâneo e do papel da filosofia no tratamento da questão teológica: a filosofia não deve nem afirmar nem negar “deus”. Do mesmo modo conciso retoma as posições hegelianas e marxistas acerca da história, mostrando as suas falhas, e expõe sua compreensão: não é possível a quem se ocupa da filosofia se isentar de seu compromisso com a história.

Merleau-Ponty ressalta que compreender a religião “*não é o mesmo que impô-la, mas antes quase o contrário*” e é na história que o filósofo descobre a “negatividade filosófica”. Isso é o que mostra o exemplo de Sócrates. Sócrates sendo o contraponto do filósofo contemporâneo é o melhor interlocutor no debate acerca da tarefa da filosofia. da sabedoria de Sócrates tem se que recordar o seu aspecto

mais fundamental e que é exposto pelo mesmo no texto de Platão: “o mais sábio dentre vós, homens, é quem compreendeu que sua sabedoria é verdadeira desprovida do mínimo valor”. A religião, como os mitos, e também as instituições políticas, os usos do agregado social, a produção, os utensílios, as generalidades das formas do contato humano, de um modo geral, toda a linguagem e todas as ações humanas, devem ser compreendidas, no dizer Merleau-Ponty, como expressões do fenômeno central do qual se ocupa a filosofia, a gênese do mundo, isto é, “o surgir dos fenômenos em todas as esferas do ser”. A tarefa da filosofia é uma vigilância constante à gênese do mundo.

A Filosofia de nosso tempo quase já não olha o mundo. Nas reuniões dos filósofos (os simpósios, congressos, seminários etc.) sempre estão em pauta os textos filosóficos e os debates são sempre boas ou más interpretações de textos. Pouco se vê e se fala sobre a função e o alcance da Filosofia no mundo. Não obstante, o mundo é o que há – célebre frase da introdução da *Fenomenologia da Percepção*.

O “*Elogio da Filosofia*” de Merleau-Ponty lembra que uma crítica a filosofia livresca é oportuna. É um texto que denuncia as imposturas tanto dos que idolatram a Filosofia e a mantêm afastada da vida, como a impostura dos que solicitam ao filósofo que seja um “*homem de ação*”. Diz Merleau-Ponty que “o desinteresse do filósofo”, para o qual a “*verdadeira ironia*” é uma obrigação, “*lhe confere um certo tipo de ação entre os homens*”. O que não lhe é permitido é que se isente de agir, pois “*não é a mesma coisa ficar calado e dizer por que não se quer escolher*”.

Em nossa época, tem se multiplicado o uso do título de filósofo. É preciso que se diga que o professor de Filosofia (bacharel e licenciado) não é de per si o filósofo. É preciso que se diga que escrever textos sobre textos é tarefa de críticos e comentadores, não é de per si tarefa do filósofo. Compreender os textos dos filósofos é uma obrigação do professor de filosofia. Mas o leitor-intérprete não ele mesmo o filósofo. É preciso que tudo isso se diga, se queremos levar adiante e a sério a proposta da fenomenologia de retorno às coisas mesmas e a crítica tanto à Ciência e a própria Filosofia que se iniciou no século passado. Tem faltado amor à sabedoria no modo que se tem praticado a Filosofia e sobrado busca de lisonja e reputação.

A Filosofia é uma experiência. Não apenas uma experiência de leitura. Mas uma atenção ao mundo, à vida. Como toda expressão, diz Merleau-Ponty, a Filosofia

diz respeito ao “*momento decisivo em que porções de matéria, palavras, acontecimentos se deixam animar por um sentido cujo contorno aproximado desenham sem o conter*” (Merleau-Ponty, s/d: 60). Enquanto os outros simbolismos se limitam a exercer o “*poder de expressão*”, a Filosofia o perscruta, o interroga. Substitui o simbolismo tácito da vida por um simbolismo consciente; o sentido latente, por um sentido patente. Para tanto, é preciso que a Filosofia volte a interrogar a vida e a vida mais chã. Senão, também na Filosofia trocamos um simbolismo por outro e o risco é que mais uma vez a Filosofia seja o culto às nuvens.

Reconhecer um filósofo é deveras complicado. Até mesmo o mais sábio de todos os gregos por vezes é apontado como sofista. Pitágoras e Aristóteles parecem concordar nessa questão quando dizem que só na velhice se reconhece o filósofo. Mas, parece ainda mais certa a opinião segundo a qual um filósofo só se reconhece depois de morto. Caso passe a habitar o panteão dos imortais. Por isso alguns nascem póstumos e outros se tornam, sorvendo com naturalidade o cálice ou escrevendo com sangue.

É necessário retomar a questão acerca do que é a Filosofia e tentar definir a função do filósofo em nosso tempo, pois, no dizer de Merleau-Ponty, “*é impossível negar que a filosofia claudica*”. O coxear do filósofo é necessário, como o é o de Hefesto. Mas para deusa, no caso a Filosofia, não fica bem ser manca. Na Filosofia, como na literatura, a crítica é intrínseca e se faz no seio da história. O importante é que a Filosofia faça sua própria crítica.

Referências

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Elogio da Filosofia*. 3. ed. Tradução de Antonio Braz Teixeira, Portugal: Guimarães Editores, s/d.